

# REVISTA MENSAL

DA

**SOCIEDADE**

**PARTHENON LITTERARIO**

---

**2ª SÉRIE**

**2º ANNO — NOVEMBRO DE 1873 — N.º 11**

---

**PORTO ALEGRE**

TYPOGRAPHIA DO — CONSTITUCIONAL —

1873

REVISTA MENSUAL

REVISTA MENSUAL DE ECONOMIA

REVISTA MENSUAL DE ECONOMIA

REVISTA MENSUAL DE ECONOMIA

REVISTA MENSUAL DE ECONOMIA

REVISTA MENSUAL DE ECONOMIA

REVISTA MENSUAL DE ECONOMIA

REVISTA MENSUAL DE ECONOMIA

# PHANTASIAS E CAPRICHOS

(N'UM ALBUM)

---

VII

C E C Y

Cecy era esplendida como a mais tentadora sacerdotisa da belleza. Em seus olhos azues-escuros, profundos como o infinito, o amor bailava semi-velado por setinosos cilios.

Requebravão-se sob as palpebras seus olhares scintillantes, como estalão voluptuosas as castanholas nas mãos da bailadeira, que ai do mortal ! se em olhos tão escuros tanta luz não fulgurasse ! . . .

Quando ella com gentil moneio sacudia a fronte, fulgidas rolavão-lhe sobre a divina espadua em ondas louras as bastas madeixas d'uma opulenta cabelleira.

Seu talhe rico e donairoso exalçava-se com todo o garbo altivo da palmeira das moitadas. Em vez de franzino e debil como o de virgem doentia, era o seu corpo da mais seductora opulencia ; suas carnes levemente rosadas, arredondavão-se nos mais adoraveis contornos, e o collo onduloso oppresso no vestido de tarlata-na deixava entrever a covinha que seductora por entre os dois peitos se escorrega.

Ali do amor pepillavão os dois pombinhos, cujos biquinhos rijos se beijavão . . .

Por vezes sobre a mão a fronte lhe descáhia e uma nuvem lou-

ra de cabellos desabava : era que em scisma funda mergulhava-se-lhe o pensamento, e ella com os olhos investigadores parecia lêr no futuro como a pythonisa pagã.

Suppôl-a-hieis em tal instante a ardente poetisa de que se desvanee a patria a soletrar no livro da inspiração canções á liberdade ; a ouvír não sei que divina harmonia de tambor revolucionario que nos chama á postos e nos faz avançar ao som de canticos entusiastas com o hymno da Marselhesa ; dil-a-hieis a rasgar pedaços de sua alma para a bandeira da republica.

Havia em seu todo um não sei que meneio voluptuoso, que era vél-a, e a imaginação errar atraz de huris para a séde dos prazeres eternaes.

Quando caminhava, no andar sereno e doce debruavão-se as inflexões de seu natural requebro.

Se fixamente a olhasséis julgariéis vêr-lhe através a cutis setinosa correr em ondas espumantes o sangue, ardente como o filtro da paixão . . .

Estava ella fascinante quando o seu pé gentil pisou o tapete do salão.

Nas jarras de porcellana sobre os consolos as flores murchavão de calor como juritys que nas orlas dos capões no chão se deitão suarentas.

Na athmosphera ardente desmaiavão as meigas filhas dos jardins ; bailavão as luzes nos candelabros ao tom da orchestra e dos pares . . . e ao longe gemendo morrião as notas derradeiras de uma walsa . . .

Ao ruge-ruge de seu vestido de cauda, para a porta volverão-se os olhares : no meio da sensação que causa a apparição radio-sa de uma mulher bella, bella de opulenta formosura, fez Cecy á sua entrada triumphal.

A orchestra deu signal de uma walsa, e Cecy voou no turbilhão a dança como phalena douda nas azas da ventania. Por entre nuvens e nuvens de pares, n'um céu de luzes, aromas e harmonias, ella passou e repassou deslumbrante de belleza no vortice da dança febril.

A musica excitante e deleitosa borboleteava no espaço e a loucura rolava pelas salas entapetadas. Com o Pimenta o vigário jogava o ecarté, ao peito o commendador comprimia a rosa e nas mãos do Lopes lascivas repinicavão-se as castanholas como em labios de virgem os beijos apinhoscados.

Quando da walsa febricitante a ultima nota se esvalho, aroma n'um vidro destapado, Cecy parou offegante de cansaço.

Seus olhos incendidos luzião com todo o ebrio fulgor do deleite ; seus labios rubros tocados do fogo da paixão tremião com a

falla argentina que n'elles se debruçava, como a açucena com o orvalho do céu aos primeiros bafejos da madrugada.

Na maior animação do baile Cecy eclipsou-se. Quando a dança vertiginosamente delirava; quando a respiração entrecortada do cavalheiro junto aos labios se confundia com o halito tepido da dama; quando as luzes faiscavão nos espelhos phantasticos scentelhas e ondulavão reflexos esverdeados nos cabellos negros das bailadeiras palpitantes; ao som da orchestra que gemia, chorava e ria, Cecy sumio-se como a deusa da noite nos paços de neblina.

E a dança, nos caprichosos anneis da walsa doudejante, deslisava febril ao longo do salão, e as rosas a pouco desabrochadas, nas jarras de porcellana se desfolhavão. . .

Quando subio ao carro ligeira como a gazella, deixou vêr apertada na meia côr de carne a perna divina palpitando sobre um pé de fada agil e buliçoso, preso em pantufos de setim.

Como um relampago deu se ao osculo do luar para occultar-se nas nuvens de gase a encantadora perna roliça e esbelta como modelada em jaspe.

Padres, não me negueis, se estais em calma  
Um coração no pé, na perna um'alma.

(J. BONIFACIO.)

E ligeira saltou no carro.

Os cavallos sahirão a trote e desaparecerão com a encantadora moça.

Em uma tarde de Dezembro n'uma rua da cidade soavão os flebeis sons de um piano casados á uma voz enlevadora, d'essas que prendem, seduzem, arrastão, vozes magicas que como os seraphins têm azas sobre que se elevão, remontão aos castellos da mais inebriante phantasia, levando após si nos caprichosos zig-zagues o paciente de extase em extase. . .

Era a hora em que o sol no occaso n'uma mortalha de sangue se enrolava, e que para velal-o saltavão das sombras os cirios da noite. Um ultimo suspiro do astro rei moribundo avermelhava uma facha do firmamento que por plainos azulados se dilatava no indeciso da immensidade.

O disco d'ouro da lua no horisonte se alteava, e aos louros toques do *planeta da saudade*, desabrochavão as esplendidas flores do cacto rainha da noite; nas azas impalpaveis das aragens nocturnas na sala esvoaçavão os perfumes da madresilva e os aromas da baunilha.

E a voz de Cecy suspirava harmonisada ao piano, gemia no ambiente.

Uma a uma desabrochavão aos lumes de sua alma todas as secretas melodias do sentimento.

Dedos tremulos e distrahidos, por vezes agitados como que por um tremor nervoso, fazião gemer o teclado. Uma harmonia vaga e indecisa, como a voz do deserto em calma, erguia-se triste e gemedora, enlaçada a um cantico debil como um murmuro, entrecortado e doce como o modulo requebrado do sabiá do mato; e unidos, musica e canto, confusos como angélicas melodias das espheras, se esvahião em embevecedor queixume...

E a voz doce e triste, como perdido nos tacurús do açude retirado o grito das irerês á tarde, quando as sombras das canha-das sobem ás cochilhas, erguia-se mais triste e mais sentida. E altejava-se, altejava-se, mais viva e mais sonora até em deliquio desmaiar.

E de novo erguia-se, não já debil, mas forte e potente em clamores dolorosos, gritos dilacerantes, em brados de desespero, e desatava-se em harmonias desafinadas pelo sensibilismo.

Até que sons de piano e vozes de virgem se esvahião em leve queixa, tão leve e tão subtil como a cerração dos lagos que o primeiro raio do sol desata em luz...

E depois... nunca mais se ouvirão soar no bairro as vozes do piano e o magico canto da feiticeira virgem. Para sempre emmudecerão.

Como as andorinhas na estação do frio partem em busca d'ou-tros climas; como as nuvens ao sopro dos zephiros da tarde pas-são fugidias para outras regiões; como a sombra, como a luz, como tudo que de Deus vem a Deus volve, alou-se a alma de Cecy ao seio do creador Eterno.

Sua existencia na terra foi a nevoa dourada de uma scisma: surgiu, sumio-se deixando um sulco luminoso...

Existencia tão breve tão fugaz como a desses fogos que se erguem do paúl desferindo scintillações que a corrente do ar apaga; como será a d'este album e a do nome que aqui traçado deixo.

VICTOR VALPIRIO.

## VIII

### ASPIRAÇÕES

Mimi, minha adorada Mimi! O' pomba de esperança que pairas sobre o naufragio de meus sonhos!...

Quero cantar, quero deitar a fronte sombreada, no regaço roseo da phantasia, e enlevado contar-te todas as loucuras de meu desnortado scismar.

Quero atirar a imaginação acabrunhada de pensamentos dolorosos, por um instante despida de seus pezares, a recreiar-se no dourado mar dos devaneios.

Tu Mimi, minha adorada Mimi, me ouvirás as vozes de alegria e o louco phantasiar da imaginação ferida, em busca de ideal prazer; tu, Mimi, minha Mimi, prestarás ouvidos aos suspiros meus, e talvez de teus olhos, de teus negros olhos apaixonados, brote a lagrima silenciosa do amor.

Sim, meu anjo, minha estrella, inebria-te nos hymnos de minha alma.

Ouve-me, escuta-me.

Abre mais os teus grandes olhos negros; olha, que lá esvoação em cardumes os chimericos enlevos de meus dias; lá paixão e repassão errabundos os sonhos que acordado sonho...

Ouve-me, acompanha-me, ó anjo de minh'alma, vem comigo aos vergeis do amor.

Que importa que seja cedo, que o sol mal chuvisque sua garua d'ouro? Calça os pantufos, e calca sem receio a gramma orvalhada, que ao teu pisar rolarão pelas palmas do capim as perolas do rocio.

Sim, quero vêr na loura transparencia da manhã brincar com a timida aragem mal desperta a tua opulenta trança negra, a tua negra trança a fluctuar-te nos hombros torneados e nús.

Quero vêr como a luz, timida gazella dos ceos, te lambe o

alteado collo, onde arfão nos jaspeos globos as limpidas ondinhas da travessa inspiração.

Quero vêr como ao redor de tua cabeça inspiradora esvoação como doidejantes phalenas em bando as scintillantes chimeras da poesia.

E cu extasiado na contemplação de tantas graças e mimos fechei os olhos, como o indiano saciado de hatchi, e deixarei a imaginação vagar pelos azues-dourados lagos da irresistivel phantasia.

Lá n'esse Wahalla encantado onde as alvissimas valkyrias de douradas tranças apresentam aos guerreiros scandinavos o seio roliço e nú, ardente e voluptuoso, prenhe do lacteo nectar dos prazeres; onde as huris do profeta, morenas e languens desmaião nos braços do lascivo musulmano: lá emballarei então nas roseas redes de macia penna, á borda dos lagos transparentes rociados de phantasiosa luz; sulcados de bateis ideaes, onde pepillão angelicacs amores, d'onde reflectem-se nas aguas tremulas as frontes divinaes dos anjos, e os cysnes de alvura deslumbrante resvallão á flôr das aguas; lá na rosea rede de macia penna emballarei minh'alma que scismadora cria edens feiticeiros, longe da poeira das cidades e dos clamores da multidão...

Lá na divina indolencia dos deuses verei nascer a manhã nos ceos e o amor chviscar nos teus olhares; a noite nas campinas dilatar-se e a minha vida nos teus seios espojar-se.

Quero imaginar, quero preludiar a canção ingente com que será desperta a patria aos rufos do tambor revolucionario, quero vêr-te, quero imaginar-te Mimi companheira de triumphos da nascente liberdade.

Quero deixar o meu espirito joguete de mil loucuras correr em zig-zagues ao tom da phantasia doudejante.

O' querida, pensaremos tambem na patria; para ella imaginaremos futuro grandioso, vel-a-hemos em sonhos Athenas e Veneza, Roma, n'esta terra americana; emporio da industria e da riqueza, mãe de artes e de letras, filha da liberdade.

O imperio continuará o seu ininterrompido Sabat; na macabra revoluntearão suarentas e delirosas as cohortes imperiaes; dansarão, dansarão até que um dia dansem todos aos rufos dos tambores, aos cantos da multidão, o *ça ira*, o *ça ira* das revoluções em quadrilha colossal.

Escuta, Mimi, escuta do tambor revolucionario a rufadella ardente que brada — *alarme!* — ao povo no dia de reivindicção. Ouve Mimi as suas vozes resoando nas quebradas das serranias.

Segue-me, querida; acompanha-me ás terras gentis da Bohemia dos sonhos, á terra dos amores, onde minha phantasia doudejante alegre borboleteia no mundo das chimeras; onde á som-



bra da bandeira tricolor o meu tamborinho rufa a marcha da mocidade e sonha a marselheza da patria...

Quão gentis são os pagos do meu edem phantasiado!...

Mimi, recosta-te sobre mim. Não faz mal que o teu halito me beije o rosto ardente. Enlaça-me em teus braços, enquanto nossas almas se erguem ao firmamento unidas.

As estrellas debruçadas no paramo divino nos espião com seus olhos luminosos, e a nuvensinha da noite se aformosea com os labores do luar...

Oh! vem... que a minh'alma, leve batel de phantasias, quer emballar-se ao tom das ondas nos lagos dourados do céu; quer indolente fluctuar á mercê dos zephiros das espheras radiosas sobre as aguas, e deixar-se beijar em desmaios pelos raios dourados da luz do infinito.

Não tardes, meu bem, não tardes. Meu entendimento se evapora já: toma-me em teu seio amigo.

Sê compassiva, Mimi; aconchega-me a ti; ao tepido calor da amante envolve o orphão dos affectos, que se gela no frio do abandono; no macio de teu seio abre-lhe um ninho tepido como o cothão dos amores...

Mas phantasia! Minha douda phantasia apaga-te! E tu, cabeça sonhadora, repousa no regaço das chimeras...

\* \* \*

## FEITIÇO D'UNS BEIJUS

(ROMANCE)

### XII

#### JOSEPHINA

O que é Josephina aos dezeseite annos?

Um anjo. Anjo nas fórmãs, anjo na essência.

Em contacto com as naturezas toscas do tutor e sua familia, soffrera, crescendo, mysteriosa elaboração, que ella, nem ninguém comprehenderia. Era como o carbone, que, reduzido a diamante, o processo de sua transubstanciação, tem sido em vão investigado pela sciencia; até hoje é um segredo de Deus, um arco na placenta do universo.

Tambem o diamante no alveo da corrente necessita de que o seixo e o cascalho de continuo o rocem para adquirir polimento. Josephina os tivera em Esperedião, Pulcheria e Zacharias. Forão os inconscios lapidarios d'uma linda pedra preciosa.

E' um phenomeno inexplicavel que no mundo da corrupção appareçam almas puras e intactas da mephites que devia inficional-as.

Porque a filha de Moraes, criança como era e portanto mais maleavel sob a pressão do vicio, não grangeou os máos habitos, tendencias nocivas e ideias perigosas de seus mentores?

Porque reagio sem saber porque reagia e sahio mais bella da luta?

E' que a gemma de limpido rutilo é sempre a mesma, quer no engaste de ouro, quer no lodaçal.

Mas a educação que imprime indelevel cunho no coração da puericia, que a molda segundo suas leis, que a modifica até os intimos refólhos de sua essencia, porque encontra resistencia invencivel em alguns temperamentos?

Eis o prodigio, a incoherencia, o incrível!

Parece que entre as creaturas de livre arbitrio ha algumas predestinadas a passarem pela serie de phenomenos da existencia diamantina.

Josephina pertencia a este numero.

Moraes morrendo, a filha ficára aos nove annos em poder de Esperedião.

Orfã tão cedo dos carinhos tepidos da familia, do unico e verdadeiro amigo sobre a terra, comprehendia ella a triste situação, a súbita peripecia que a arrebatára do lar para a tenda d'um estranho?

Se comprehendeu!?

Ai da infancia que perde o beijo dos pais, os affagos que elles distribuião sem conta!

Onde encontrará frouxel mais macio e sedoso que o seio d'uma mãe, mais seguro abrigo contra a procella que os braços d'um pai?

Ai da infancia! No mel do osculo suave perde o orvalho que refocilla a planta da vida, o amor desinteressado que a rodeia de sollicitude, e a protege contra os vendavaes e intemperies!

Se comprehendeu!?

Porque a melancolia desde a epocha da orphandade sombreou a fronté da criança, e desde então, quando a vida desabrochava á luz d'uma aurora, seu labio apenas vibrava ao roçar de merencorio sorriso?

Porque o pensamento em botão abria as petalas ao pallido crepusculo d'uma scisma?

E' que era mulher ainda nas faixas do berço, quando os trefegos sonhos devião povoar-lhe a imaginação!

O tutor um dia disse-lhe com a habitual grosseiria.

— Fífina, vais estudar, quero casar-te com o meu futuro doutor, o meu Zacharias. Tens que trabalhar, o rapaz é um partido invejavel.

O que fez a melindrosa jequiri ameaçada do tufão?

Recolheu-se em si, ferida no imo d'alma. Seguiu as prescrições da tutella sem murmurar, embora o coração desmentisse a tacita annuencia. Não odiava o filho de Esperedião, o odio era iucompativel com seus sentimentos, mas votava-lhe involuntaria antipathia, alguma coisa, quando estava junto d'elle, como a

sensação angustiosa que soffremos ao tocar na larva, ao ver o manduruvá pendente do ramo de lindas flores.

Cresceu, no entanto, deixando que alimentassem a idéa de casamento entre ambos.

E a interessante menina teve uma existencia de resignação de todos os dias. A Sra. Pulcheria que tivera a ideia de applicar-lhe uma educação rigorosa, pois dizia: « Com uma mulher toda a cautella é pouca, » teve afinal de respeito-a. E quando acontecia fazer alguma observação, não era sem superno esforço e varias tentativas; tanto a belleza moral paralyza as mais negras tenções.

Apezar d'isto, quando Josephina ia dormir em seu quarto, que era o mirante, fechava a porta e guardava a chave.

O bodegueiro que não podia comprehender a delicadeza peregrina da filha de Moraes, aquella reconcentração de pensamento que a reduzia a apparente marasmo, dizia com desprezo, como se tirasse um horóscopo:

— Fifina é sem acção. Hoje é uma lesma, emquanto o meu Zacharias é um corropio.

E assim o tempo passou.

E Josephina foi moça.

O tutor e sua mulher, guardando-a para o filho, e com o receio de a perderem, não a deixarão mais transpôr os umbraes do mundo.

Poucos sabião-lhe da existencia. Ninguém jamais a vira n'uma festa, n'um theatro ou n'um baile. Levava vida de monja no centro da cidade. Uma reclusa não fôra mais ignorada.

No entanto não balbutia um queixume.

Pedia livros, o que nunca recusarão... Miseraveis! Por ignorancia confiavão das mãos da donzella inerme o instrumento que devia trucidal-os um dia! Não sabião que dar um livro á emparedada de sua criminosa ambição, de sua embriaguez de dinheiro, era mostrar a senda do céo, em cujo pórtico a verdade campeia, como o pharo para os dilectos de Deus!

Sim, o livro, esse bom amigo que nos consola no meio dos revézes, esse broquel que nos reveste de valor quando a fronte pende em desanimo, esse conselheiro que não é corteção da lisonja, mas uma voz sincera; o arauto da intelligencia, o interprete fiel de tudo quanto ha de grande e bello na natureza humana; sim, elle vingará a misera victima dos ultrajes da sordida cubiça, elle ha de erguer a martyr em um pedestal, atirando seus algozes por terra, fulminados!

A leitura foi pois para Josephina o unico consolo na solidão que lhe fôra imposta, bem como uma nesga do panorama cheio de graças que o Guahyba desdobra á margem o unico espectáculo que podia assistir da janellinha do sotão.

Trez annos antes da epocha em que começa esta historia, teve lugar a scena que vamos relatar.

Ella lia Paulo e Virginia.

O romance de Saint-Pierre lhe arrancava lagrimas na passagem em que Virginia ia partir para a França.

— Pobre Paulo! murmurou, e fechou o livro porque um véo de pranto a impedia de proseguir... Não, Virginia não amava... Se amasse não teria coragem de partir... O' eu sinto se chegar a amar, que para obter um olhar, um sorriso, daria mil vidas se as tivera!... Recceio, meu Deus, que, um dia, meu coração acorde!...

N'este comenos Zacharias subio as escadas.

— O' minha futura, tu estás ahí a choramingar?!

A galhofa souou mal a seus ouvidos, porém respondeu:

— Foi a historia de Paulo e Virginia.

— Ora, Fifina! Não digas a ninguem que um livro faz de dois olhos duas bicas de chafariz!

Josephina o encarou attonita:

— Serias capaz de lel-o, sem sentir a mais leve emoção, Zacharias?

— Se leio!? Boa pergunta! De fio a pavio! Isto é uma mentira, patranhas de romancista! Quando eu era pequeno ouvi contos da carouchinha pouco mais ou menos como o Sr. D. Paulo e a Sra. D. Virginia, e chorei uma só vez? Lérias, Fifina! Se me contassem, pelo diabo, que não cria! Ora, lagrimas por dá aquella palha! Essa!... Se as pinoias dos livros te fazem mal, porque lês?

— Não sabes o que dizes, Zacharias, observou com reluctancia visivel.

— Não sei! Tens razão retorquio com ironia. Sempre te julgaste superior a mim.

Tens mesmo uns ares de rainha, etc., etc., etc.!

— Se vens importunar-me, sahe d'aqui... Quem te chamou?

— Quem me chamou?! Preciso eu que me chamem, para entrar onde bem me approvér?! Tive vontade de conversar contigo, e subi a escada, entrei e quero ver quem será capaz de fazer-me retirar.

— Dispensou tua conversação.

— E tu não dispensas a tua. Has de ouvir, queiras ou não queiras. Era necessario que eu fosse um maricas para sujeitar minha liberdade ás ordens de uma mulher.

— Ah! queres fállar! Pois falla...

E abriu o livro e continuou a leitura.

— Venho contar... Assim não me quadra... Has de ouvir, Fifina.

Ella nem moveu-se.

Elle tornou :

— Deixa o livro . . . Ouve por bem, senão ouvirás por mal.

O mesmo silencio e immobilidade da parte da moça.

— Deixa o livro, é a ultima vez que repito.

E como ella não obedecesse, n'um assomo de colera lhe arrancou d'entre as mãos o Paulo e Virginia e o atirou por sobre o telhado, dizendo :

— Fiz muito em esperar !

Josephina vibrou o talhe de palmeira. Era uma outra. Não parecia a menina de quatorze annos debil e resignada. Os olhos despedião chispas de indignação, o labio tremia, as morenas faces de ordinario pallidas agora estavam purpureadas em ondas de rubor, e o braço estendido e immovel apontava a porta.

— Sahe, insolente ! fremio com a voz sacudida ao arfar veemente do collo.

Zacharias estatelara. Semelhava á estatua do terror ante a estatua da punição.

— Saia . . .

— Perdôa, Fifina ! ouzou articular.

O gesto, o tom em que fallou, era tão supplice, que desarmou-a. Seu olhar descalho na languidez de sempre, as rosas do rosto desbotarão, a fronte em attitudo imponente voltou á posição da scisma, o braço tombou e o labiocalm e unguido de doçura divina pronunciou :

— Vai buscar o livro . . .

Zacharias mergulhou nas escadase voltou minutos depois com o pomo da discordia.

— Perdoaste, Fifina ?

— Nem sei o que fiz ! Perdôa-me tambem tu.

— Fifina, tive medo de ti, parecias uma tempestade. Nunca te vi assim.

— E o que fizeste ?

— Mas eu vim incommodado da rua . . . Vou contar. Queres ouvir ?

— Falla.

— Não conheces um estudante que é ouvinte da academia militar, de nome André Dias ?

Não conheces ; elle todas as manhãs passa por aqui. E' um biltre.

— Porque ?

— Eu estava me apaixonando pela filha do Maneca do Fafá, e ella já correspondia a minhas olhadellas perigosas, quando o tal André veio fazer-me levar de taboa.

— Mas que culpa tem este moço ?

— Que culpa tem? Se não fosse elle, eu estava nas boas graças da raparigota.

— E' bonito?

— Imagina um manguari sem geito, nem feitio, uma boca de jacaré, uns olhos que mal se veem, um nariz que parece o serro da Sapucaia, e demais...

— Meu Deus, que retrato!

— E' elle sem tirar, nem pôr.

— Dá-te então por feliz. A moça que te abandona por uma figura como acabas de pintar, deve ter pessimo gosto.

— Mas injuriou-me, preferindo o outro.

— Só vejo um direito que ninguem pôde negar, embora seja para escolher o peor.

— Queres defendel-a!

— Não a conheço. Apenas digo o que penso.

— Pois pensas mal, e eu amanhã hei de ensinar o tal André.

— O que vais fazer?

— Vou dar-lhe uma sapéca.

— Que culpa tem elle de que repellissem tuas pretenções?

— Queres tambem defendel-o?

— Não tenho interesse; até é a primeira vez que oiço fallar em seu nome;

— Então deixa-me com minhas ideias.

— O que lucras?

— Tiro desfórra.

— E se sahir o contrario do que pensas?

— Ora! Lá eu tenho medo d'aquillo! Com um repellão levando polvadeira e faço elle comer terra.

Ha alguns minutos a escada estava a gemer, como ameaçando desabar.

A conversação não os deixava ouvir.

Afinal a Sra. Pulcheria assomou no patamar.

— Já não sirvo para caminhar! Arre que cansa subir esta escada! E foi sentando-se. Seu rosto reçumbrava malicia.

— Se queria dizer alguma coisa, para que não me chamou, advertio Josephina.

— Vocês, meninos, inda não estão casados para estarem assim a sós.

Josephina sentio um calafrio correr-lhe o corpo. O pudor afogueou sua face mimosa, o seio novamente arquejou, porém conteve a dextra que ia deslaçar um ademan terrivel, retrahio a palavra que ia rebentar como um corisco do bojo da nuvem... Conteve-se, mas sentio o talhe franzino sossobrar na contensão superior da alma, que, querendo repellir o insulto, teve que suffocar-se dilacerada pela angustia.

— Que tem minha mãe que vêr connosco? Era melhor que fosse tratar dos arranjos da casa; é do que entende, interveio Zacharias em defesa da moça. Ora, que ideia! Não quer que eu converse com Fifina? Pois hei de conversar, e vamos ver quem me impede...

— O' rapaz, não ponhas os côos abaixo! Que bulha por uma caçoada!

— Confesse, confesse, não soube o que disse...

— Zacharias, é tua mãe! E' certo que me offendeu... E as lagrimas rolarão a eito pela cutis setinosa. Não devia fazer semelhante observação, porque sei, apesar de criança, quaes sejam meus deveres, e tu, se fosses capaz de offender-me, não entrarias mais aqui, e serias digno só de desprezo...

— Que diz? Meu filho digno de desprezo? O que julga a menina que seja? rugio a Sra. Pulcheria com as mãos nos quadris e sacudindo o volume enorme de sua pessoa.

— Fifina fallou muito bem, acudio Zacharias com recacho marcial.

A filha de Moraes ajuntou:

— Eu não disse isto... e um soluço interceptou-lhe a voz.

— Pois eu quero que dissesse...

— Minha mãe! Minha mãe! A senhora é uma desordeira! Bastou vir aqui para Fifina estar a chorar e eu com umas ganas... com umas ganas... de enforçar-me!

Foi agua fria na fervura. Zacharias, quando queria desesperar a mãe, trazia á baila o seu argumento de Achilles: o suicidio.

— O' meu querido filho! Sim, sou uma tonta, mereço tudo, mas não falles mais em enforçar-te.

E foi abraçar o.

— O' deixe-me, não quero abraços, quero uma viga e uma corda... Dependuro-me com todos os diabos!

— Meu filho!

— Deixe-me.

— Filho! Filho!... Fifina, perdôa e vem convencer este doido que é capaz de fazer o que está dizendo.

— Para que vem incomodar-me?

— Juro que, de amanhã em diante, serei outra. Verás...

E foi abraçar a Josephina.

— Foi uma brincadeira, menina. Não me queiras mal.



XIII

**ELABORAÇÃO D'UM IDEAL**

No dia seguinte pela tarde Zacharias de facto foi encontrar André. Porém, em vez de esmagal-o, como promettera, veio em deploravel estado para a casa, como já referimos.

Josephina então ouviu o taberneiro e a mulher atirarem os mais affrontosos epithetos contra o moço. Na opinião d'elles era um assassino, um calloteiro, um ladrão de faca em punho, um seductor perigoso a todos os lares, um doido que ha muito devia estar n'um hospicio, um desrespeitador das leis, e outros quejandos titulos que despião de si para caridosamente vestirem ao alheio.

No animo d'uma moça, cujo coração bondoso aspira outro coração, em que possa fundir o seu, como duas flores fundem entre si os perfumes, resultão no facto em questão tres consequencias favoraveis a André.

Zacharias tinha fama de valente, respeitavão-n'ó; ora André, seu competidor, nullificou-o, venceu-o; logo André era bravo em extremo.

Primeira consequencia: a bravura.

O Sr. Esperedião e a Sra. Pulcheria affirmavão d'elle o que a inquisição e muitos outros catholicos sapientissimos jámais irrogarão aos judeus; uma victima nas condições de André tem sempre a seu favor as almas compassivas e rectas; portanto André sobressahia entre os detractores e angariava mais as sympathias.

Segunda consequencia: culto á verdade e á justiça personalizado n'um individuo e sympathia a esse individuo.

Accusar um homem joven e bello de seductor diante de uma moça é fazel-o temido, respeitado e admirado como Napoleão o foi por todos os governos, seus coetaneos.

O temor, o respeito e a admiração são elementos constitutivos de todas as religiões.

André ergueu-se como um semi-deus.

Terceira consequencia: prestigio dos conquistadores.

Tambem não foi outra a elaboração, porque passou na alma de Josephina a imagem do moço.

A' noite, quando a sós com seus pensamentos, em vão procurou evitar a lembrança do homem que a familia de seu tutor odiava. Lutou algum tempo, mas afinal entregou-se a ella como o naufrago contra a corrente que acaba por arrastal-o na onda trépida.

Foi o periodo do ideal. E elle veio como uma aurora boreal nos céos da scisma ; fulgio como o brilhante, cujas facetas são feridas do raio de luz, adunou em si o eden e a terra, e por fim concentrou-se como a materia lactea e ignea da nebulosa em um só ponto : era uma estrella, cujos raios reflectião na phantasia seus rutilos e no coração seus ardores !

E o que é o ideal ?

A reunião de todos os attributos possiveis d'um genero reunidos em um só individuo por meio das faculdades abstractivas.

Por isso é sempre bello, sublime e grandioso.

O perfume das rosas celestes bafejou André na alma de Josephina. O homem surgiu um anjo.

E uma imaginação nubil o que não póde trazer á téla das creações nos arroubos de poesia e vagos anhelos ? Mórmente se é a virgem que na vespera trajava ainda o vestido curto, deixando entrever pela renda miuda d'umas calcinhas alvas como o arminho do lago, um artelho que o pudor em uma nova phase da existencia feminil deve occultar a todos os olhos ?

D'um seio repleto de anciedade indizivel na solidão d'uma recamara, e que deve a cada instante perguntar a si mesmo : O que desejo ? Porque suspiro ?

Então a concepção do ideal deve ser ás vezes dolorosa, porque a febre virá com suas intermittencias e seu delirio. A phalena romperá a chrisalida com difficuldade e abrindo as azas sobre os destroços do involucro embrionario, sorrirá á vida, voará até exhaurir o alento, embriagando-se em cada fóco de luz que deparar.

Assim foi com Josefina.

Nem sequer dormio um minuto até pelas tres horas, momento em que a febre fêl-a cahir em fundo torpor.

Ahi mesmo como na vigilia, André a perseguio.

Despertou sob a pressão de negro pezadelo.

Levantou-se apavorada do leito. Vestio o roupão ás pressas e foi abrir a janella. Esplendida aurora invadio o quarto. A brisa da madrugada com o olor agreste dos campos e mórros circumvisinhos refrescou-lhe a fronte estuante, lavou-lhe o peito que offegava em latejos irregulares.

Lembrou-se do que Zacharias enunciára sobre os defeitos phisicos do rival. Reluctou em consorciar a fealdade com sua concepção. « O bello é a face de Deus » e no homem reclama a harmonia dos contornos no corpo e a harmonia dos sentimentos na alma. A idealisação absorve ambas.

Esta incerteza magoava a Josephina.

Seria feio, horrivel, externamente ?

Zacharias na vespera affirmára que elle passava todas as manhãs pela rua Clara.

Como o mirante ficava no centro da cumieira, a impossibilitava de vê-lo perto da janella, ainda que fosse visivel em distancia. Tomou a resolução de esperal-o.

Como o conhecer entretanto?

Confiou n'um presentimento.

Passarão diversas pessoas.

De balde Josephina procurou identifiçal-as com a imagem que creára. O verdadeiro André destacou ao longe. Ella sentio o coração confrangido por cruel aneio desfazer-se n'um elasterio divino. Do labio derramou uma phrase sublime de harmonia e inspiração: E' elle! E' elle!

Foi um canto cheio de vida que lhe brötou do peito!

Foi a antevidencia do amor que lhe dilatava a pupilla da alma com os novos horisontes de sua existencia!

Era mulher, amava.

Quando Josephina conseguiu vêr de perto a André, e trouce ao espirito o retrato traçado por Zacharias, sua concepção e o original, e cotejou-os, deduzio que o ultimo era superior a tudo que imaginára, e quanto ao filho de Pulcheria, com as pinturas grotescas, não passava de um miseravel calumniador.

Amou-o ardentemente, mas no silencio, mas a sós. Singular amor! que durante dois annos foi cultivado com terna sollicitude, amor enraizado no ermo, dia por dia, hora por hora, sem a esperanza de ser ao menos adivinhado!

Embora! Era um consolo

O materialismo de Esperedião e Pulcheria, que poderião trazer uma consumpção de tedio, desapareceu, foi esquecido nos enlevos mysticos, nos sonhos de ouro e azul.

Amou dois annos sem André suspeitar de sua existencia.

Continúa.

IRIEMA.

# JOSÉ DE ALENCAR

(ESTUDO BIOGRAPHICO)

## V

Antes de entrarmos nos differentes periodos da vida do illustre cidadão, resta-nos fazer algumas considerações sobre outros topicos das cartas de Sempronio e Cincinnato.

Sempronio méramente inflammado do desejo de abater a influencia de Alencar, esgrime armas que vão feril-o, em vez de attingir o escopo que pretende.

Entre outras increpações que lhe faz, traz a de corruptor da lingua, sem averiguado exame dos termos empregados.

Diz elle :

« Uma das manias que perdem Senio, é querer passar por outro Colombo, descobridor de mundos novos *por mares nunca d'antes navegados*. Insiste, demora-sen'essas novidades, com a intenção de embutil-as no idioma vigente.

« O vocabulo babujar é empregado frequentes vezes no volume. Os dictionarios da lingua não o trazem, e sómente babugem, vocabulo este muito usado por nossos homens do campo, para tambem significar a grama rasteira que aponta com as primeiras aguas. »

Os dictionarios não o trazem !

Edificante razão !

Antes de firmado o periodo aziatico na peninsula, que remonta á invasão dos Arabes e vem até o dominio portuguez nas Indias, quem foi procurar aos dictionarios, o que então não existia

ainda para felicidade dos escriptores, os vocabulos que por milhares entrarão em circulaçãõ?

Barros, Couto, Fernão Pinto, Camões e tantos outros não troucerão á luz a nova camada da formaçãõ philologica d'um povo?

Babujar não é invençãõ de J. de Alencar, é termo de uso geral na campanha, e nas cidades applicado por analogia. Em sua accepçãõ natural é tocar a tona d'agua, deixando cahir babugem; dizem dos animaes. Em sua referencia tropologica não se applica só em relaçãõ á agua, mas a qualquer outro objecto; assim dizem familiarmente: Não deixem esta criançã babujar as fructas, os doces, etc.

Diz ainda Sempronio:

« E' tranqueira e não tronqueira. »

E' tronqueira como escreveu J. de Alencar, derivativo de tronco de que são formados os dois esteios das porteiras.

Isto é um escantilhão apenas da critica entre nós.

Insistimos em taes minudencias sobre tudo, affeitos entramos n'ellas, porque a luta está travada entre os escriptores de ultramar e os nossos; porque os Castilhos, Pinheiros Chagas e Ortigões pretendem agrilhoar a impetuosidade do Amazonas aos pés do tropego e enervado Tejo. E sentimos que o talento superior de Franklin Tavora torne-se echo de critica que, além de anti-patriotica, é adversa e repugnante á verdade. Ninguem melhor do que elle no entretanto pôde conhecer que a lingua portugueza se acha renovada no cadinho americano, que não só é incalculavel o cabedal adquirido em termos, bem como distinctissima nos módulos, que tanto tem ganho em suavidade.

Entre outros meios de deprimir os engenhos modernos, mórmente os que nascerão no Brazil, vão buscar os mortos a quem chamão classicos e os atirão sobre os vivos com um esforço digno de melhor causa.

Pobres classicos! Resuscitão como uns phantasmas que, sacudindo a mortalha, derramão em torno a morte e o terror!

Pobres classicos que em vida mendigarão o obolo da caridade, ou morrerão n'um hospital, como Camões, ou desterrados, como Francisco Manoel, e depois de seculos servem de espantalhos á marcha do espirito humano!

E o que sois no entretanto?

Homens e nada mais que homens; por isso errastes e ainda mais do que os do seculo XIX que já vão guiados pela luz da experiencia.

O monumental *Iuziadas* deixa de ter defeitos? Os tem de so-bejo.

E hoje a critica, sem a philaucia e inveja de Agostinho de Macedo, pôde tentar uma apreciaçãõ e dizer: O elemento epico

está falseado, o character do Gama pecca por frouxidão e incoherencias com o genero litterario, ha n'elle descripções, como a da Ilha dos amores, incompatives, improprias do poema; não ha semenos aberrações no plano; e os erros de grammatica?

Quem dirá sem receio de mostrar ignorancia da lingua: *Eu me parece, lhe em vez de lhes, mas porém*, e tantos outros termos ou phrases que agora não nos vem á memoria?

No entretanto são excrescencias que não podem eclipsar as bellezas da introducção, os episodios do Adamastor e Ignez de Castro, e o fecho da epopeia que é de ouro.

E' um padrão litterario, que honra e sublima a lingua em que foi escripto, mas nem por este motivo isento dos defeitos da humanidade; nem pela sua grandeza serve de marco derradeiro para as conquistas do talento, e muito menos para empecer a roda do carro do progresso.

Os classicos são utilissimos, não para assassinarem os grandes escriptores do presente, sim para seus guias e amigos.

Quando os invoca um Cincinnato, o estremunhado dormente da lenda que sente os olhos fascinados ante um seculo, para o qual não nasceu, porque não o comprehende, não os invoca por um sentimento puro, mas por paixão pouco louvavel. Faz como Fréron arremessando botes ás obras de Voltaire, ou como o athe-niense que ia escrever o nome de Aristides na concha do banimento, porque estava cansado dos elogios que todos unanimemente lhe tecião. Cincinnato, se fosse contemporaneo de Camões, d'elle diria o que diz hoje do autor do *Guarany*.

Outros Cincinnatos virão com o volver dos tempos e então J. de Alencar tendo já passado pela apothéose posthuma, por sua vez servirá de classico ou coisa que o valha para entorpecer os vãos da geração do futuro. E' que o mundo marcha, mas o character do homem não muda.

Sempronio com um talento superior á disposição e nutrido de estudos serios, não deixa passar a mais leve omissão, ás vezes licença da arte, sem dar-lhe proporções enormes.

Assim é que o vemos sobre o pretendido anachronismo relativo a Martim Soares Moreno, cuja naturalidade é questão controvertida de historia patria, expender grande somma de conhecimentos sem necessidade. *Beaucoup de bruit pour rien*.

Supponhamos que o descobridor das terras do Ceará não tivesse sua origem na noite d'um mysterio, que sua idade, familia e nacionalidade não constituíssem ponto de disputas e duvidas; podia ou não Alencar desprezar a chronologia na lenda de *Iracema*?

Se podia!... Fallamos sob o ponto de vista da arte e não da sciencia. E' preciso não confundir coisas tão differentes. Virgi-

lio fazendo Dido contemporanea de Eneias, isto é, saltando sobre quatro séculos ; V. Hugo em Nossa Senhora de Paris não tomando em conta a diversidade da epocha de Pierre Gringoire, o poeta, e a epocha em que começa a acção do romance, não o autorisavão ?

Talvez não . . . Um é o grande vulto da litteratura romana, o outro é o nome mais universalmente conhecido de nossos tempos, e o autor de *Iracéma* é brasileiro, qualidade que de per si hoje é um crime, mórmente para os escriptores de além-mar, em sua maioría, que finão-se de saudades pelo tempo em que eramos colonia.

Se admittidas as datas precisas e o lugar de nascimento com respeito a Martim Soares Moreno, o rigor historico seria dispensado, quanto mais no caso presente, em que ha tantas contestações ?

Porém, Sempronio quer impossiveis, principalmente se attentarmos para o que seja litteratura entre nós. Suas exigencias vão mais longe. Queria que Alencar viesse ao Rio Grande, se internasse pela campanha, convivesse com o gaúcho para assim poder escrever sobre seus costumes, sua vida, character. Era este o meio mais certo do distincto litterato desacoroçoar no começo da empreza.

Queria mais que estudasse archeologia para fallar dos indios. Ah ! Shakspeare, immortal Shakspeare, a quem nos acostumamos a venerar, a quem consideramos em nossa sincera e profunda admiração como maior do que o grande Homero, ah ! com uma litteratura em taes condições, serias abatido do pedestal, que os séculos te erguerão, tua gloria seria uma mentira, ou pelo menos um manto de europeis ! E no emtanto ninguem, como tu, conheceu tanto o homem, ninguem vibrou as mais reconditas fibras de seu coração !

Os estudos que em pessoa se fazem sobre os lugares d'um acontecimento, o conhecimento da archeologia são accessorios que podem dar mais realce e bellezas ás obras, porém não constituem preceitos essenciaes da arte.

Para concluir com as considerações sobre as cartas de Sempronio e Cincinnato, reproduziremos uma citação que ali vem sem assignatura, como para fazer fé aos juizos emittidos.

Eis o trecho textual :

« No dizer de um critico portuguez sua penna póde ter bom successo : « na poesia dengue e *coquette*, poesia arrebicada, doentia, rasteirinha, poesia de alcovas e salões, complacente, piégas, coisa de *tsilette*, feminina . . . como o pó de arroz, os vinagres aromaticos, os espiritos de *petites dames* e de *petits crevés*, o llangyland, o *bouquet*, manilha e o cosmetico Miranda. »

Não sabemos quem seja o autor d'este acervo de frivolidades offensivas. Pelo estylo desbragado parece de Ramalho Ortigão.

De quem quer que seja, Sempronio fez da critica assim entendida uma arma ao alcance de todos, um tympano, onde a injuria cabe para repercutir mais longe.

Aquelle periodo é indigno de figurar entre as apreciações produzidas pelo bom senso e pela imparcialidade que nobilita a intelligencia.

Pensar tão tresloucada e tacanhamente com respeito a um escriptor que tem sido apreciado não só pelo paiz inteiro, como pelos estrangeiros, entre uma de nossas glorias nacionaes, entre os mais distinctos dos cultores das lettras no Brazil, é um crime, se bem que não prevenido nas disposições penaes do código, que muitas vezes por menores delictos condemna. Sempronio repetindo taes injurias, faz-se cumplice.

Felizmente, o apreço em que são tidas as obras do autor do *Guarany*, a extracção que tem, são o mais solemne protesto erguido contra a sanha d'um critiqueiro estranho, que, de parte o rancor e desprezo que vota ao Brazil e aos brazileiros, demonstraria mais uma vez o dito popular :

— O teu maior inimigo é o official de teu officio.

Continúa.

IRIEMA.



# AURELIA

## ACTO III

### QUADRO QUARTO

Uma praça ; á direita um restaurador ; ao fundo uma praia. Algumas pessoas atravessão a praça ; outras sahem e entrão no restaurador. Vai anoitecendo

#### SCENA I

**Marçal e quatro tripolantes de um bote vêm cantando de longe os seguintes versos, até aportarem á praia**

E' bem triste a nossa vida,  
Bem cruel a nossa sorte ;  
Em cada dia que passa,  
Esperamos sempre a morte.

Quer na calma ou na tormenta  
Em perigo nos achamos ;  
Mas p'ra esquecer incertezas,  
Em vez de chorar, cantamos.

(*Apparecendo o bote.*)

Mas p'ra esquecer incertezas,  
Em vez de chorar, cantamos.

MAR. (*aos remadores*) — Leva remos. (*Os marinheiros obedecem e saltão ao depois em terra*).

MAR. — Ora Deus louvado!

3º DITO — Olá. Manoel, temos ali uma casa de pasto ao que parece.

2º DITO — D'esta feita hei de molhar vem a guêla... (*volvendo-se para o bote*) Então, sôr Marçal, fica-se por ahi?...  
Nem parece cá da companhia.

MAR. (*envelhecido e taciturno*) — O que é que dizes, José?

2º MAR. — Bocencê nem parece cá da companhia... sempre tão triste que córta o coração á gente... Se eu já o tenho bisto chorar...

1º DITO — E eu tambem, por signal que... fiquei com soidades da terra.

3º DITO — Ainda hontem, á boca da noite... Quando um homem chora, vão ver que não é por cousa atôa... Bocencê, sôr Marçal, foi de máo fado... Se foi!... Porque será... isso lá sabe Deus.

MAR. — Sim, é Deus quem manda as lagrimas aos desgraçados como eu... Deus é bom... os homens é que são máos, vilões, infames! Não vocês, nós não, pobres diabos que vestimos uma japona grosseira comprada á peso de suor; nós é que não fazemos mal a ninguem... São esses que se envergonhão de humbrear comnosco e de apertar uma mão callosa!... Pensão que por ter mais dinheiro, tem a justiça do seu lado... (*Tremulo de commoção*). Oh! mas ha uma justiça que se não vende... porque não ha dinheiro que a compre!... Lá em cima (*apontando para o céu*) é que está o unico e verdadeiro tribunal! (*pausa*) Infames! ricos sem alma; nobres sem honra, porque não avalião a dos outros!... Ah! vocês não sabem que tempestade rola aqui dentro d'este peito!... E para que hão de saber? que importa a minha vida!... Sou como um lenho perdido no mar, á mercê dos ventos.

1º MAR. — Mas o que foi, sôr Marçal? conte-nos lá isso...

3º DITO (*baixo*) — Cala-te, voças; não bês que o affliges mais?

MAR. — Ha sete annos que choro dia e noite; ha sete annos que eu não sei o que é uma alegria... Se ella era a minha ventura, a minha unica esperanza, o sangue do meu sangue!... Perder assim a unica filha, a minha querida filha!... (*os soluços embargão-lhe a voz*).

2º MAR. — Está bom, está bom, sôr Marçal... Deus sabe o que faz...

MAR. — Deus! dizes tu, Manoel?... Antes elle a tivesse levado... no céu estava bem... lá estão os outros, que me não dão penas!... Foi a seducção que a perdeu... tirarão-m'a de casa... tirou-m'a um homem que eu tinha como filho, que cresceu n'estes braços, que eu amava, ouvirão?!...

1º MAR. (*condoido*) — Olha o malvado!... Se o apanhasse...

3º DITO — E nunca mais soube da cachopa?

MAR. (*n'um suspiro doloroso*) Nunca mais! (*Depois de longa pausa*) Vão, vão alegrar o coração... Já devíamos estar de volta. (*Os marinheiros encaminhão-se para o restaurador*).

2º MAR. (*No lumiar da porta*) — Benha tambem, sôr Marçal, benha. (*entrão*).

## SCENA II

**Marçal, so**

MAR. — De que servio dizer-lhes, á elles que não comprehendem nada d'estas dôres?!... Ha desgraças que se não contão á ninguem!... Que triste consolo dizer aos outros o que não entendem e não sentirão nunca! Vão dizer aos ricos o que é a fome!... Só tu, ó meu Deus, tu só é que sabes e podes consolar com tua misericordia!... Ah! mas se eu não hei de tornar a ver a minha filha, se ella morreu, Senhor, se ella já não é d'esta vida, porque me não levas tambem?! Que faço eu ainda n'este mundo?... (*Olhando para o mar, com desespero*) E tu, ó mar, porque não has de ser o meu tumulo? Affoga-me nas tuas ondas, mata-me, mata-me!... (*faz menção de lançar-se ao mar e recua espavorido*) Morrer, morrer!... Oh! não, não!... Cumpra-se o meu fado... cumpra-se... Deus não desampara a desgraça!... (*entra lentamente no restaurador*).

SCENA III

**Valladares, Leopoldo e depois o Barão**

VALL. — E' o que te digo.

LEOP. — Não fazes, e, se fizeres, expões-te ao ridiculo...

VALL. — Verás que pateada sem exemplo nos annacs do theatro... Ahi vem o barão... nem a proposito.

BAR. — Por aqui os senhores!

VALL. — Precisava fallar-lhe...

BAR. — Que novidades ha? Algum obstaculo?

VALL. — Tudo corre á mil maravilhas; a pateada é estrondosa.

LEOP. — Esses que dizem acompanhar-te, deixar-te-hão sozinho.

BAR. — Com dinheiro vence-se tudo...

VALL. — Descanse em mim, Sr. barão.

LEOP. — Hei de vêr para crer. O dinheiro do Sr. barão não consegue coisa alguma d'esta vez.

BAR. — O senhor parece que tem medo de entrar na pateada!

LEOP. — O inimigo é poderoso demais e arriscamo-nos a soffrer uma terrivel decepção... A opinião publica condemnar-nos ha, á todos, Sr. barão...

VALL. — Ora, ora, a opinião publica! Estás debicando.

BAR. — Essa é boa!... Pois não me assiste o direito de patear um actor, quando...

LEOP. — Sem justiça, iniquamente... acho arriscado.

BAR. — Estou vendo que não podemos contar com o senhor.

LEOP. — E o Sr. barão toma parte na pateada? Aposto que não.

BAR. (*com embaraço*) — Sim, não devo... bem sabe que... são coisas mais proprias para os moços... mesmo incompativel com a minha posição... quero dizer... com a minha idade... demais dou-me com o imperador, e, se elle está no theatro... No entanto...

VALL. (*à parte*) — Idiota.

LEOP. — Tem razão, Sr. barão, são cousas mais proprias para a canalha...

BAR. — Valha-me Deus!

SCENA IV

Os mesmos e Alberto

ALB. (*passando por elles*) — Boa tarde, meus senhores.

BAR. — Onde vai com tanta pressa?

ALB. (*voltando-se*) — Como está, Sr. barão?

BAR. — Grande enchente hoje no theatro!

ALB. — Supponho que não ha espectáculo; adoeceu um actor... Não terá, pois, o Sr. Valladares o prazer de patear...

VALL. — E' um direito como qualquer outro.

ALB. — Direito da força...

VALL. (*com cynismo*) — Seja.

ALB. (*provocador*) — Direito illegitimo...

VALL. — Ha de ser isso mesmo.

LEOP. (*á parte*) — Pegão se d'esta vez.

BAR. (*á parte*) — Acaba em socco.

ALB. — Baixeza de character tambem póde ser.

VALL. — Respondo pelas minhas acções. Pateio porque quero... hei de patear!

ALB. — D'onde devêra partir o exemplo da moralidade, o culto ao bello, o culto á essa sublime arte, que cobrem de lodo, humilhão e abastardeção... onde devêra erguer-se com a magestade da crença o apostolo das grandes instituições, ahi encontramos o perseguidor, a venalidade, a...

VALL. (*com sarcasmo*) — O senhor tem uma vocação decidida para o theatro...

ALB. — Eu não defendo ninguem, Sr. barão; advogo uma causa justa. Pois que! não seria iniquidade patear ao actor, porque se odeia o homem; á actriz porque o despeito não póde ferir a mulher? Terrível sujeição a do artista, se, um pugillo de homens, constituindo-se juizes de suas acções moraes, tornassem a força um direito; a violencia um poder; o palco um banco de réo!

BAR. (*á parte*) — Parece que elle tem razão.

VALL. — Sabe o que mais? Até ver. (*Dirigindo-se ao barão*) Não vem, Sr. barão?

BAR. (*faz signal affirmativo*) — A's suas ordens, Sr. Alberto.

LEOP. (*á Alberto*) — Meu senhor.

ALB. — Sr. barão, Sr Leopoldo. (*Sahem em direcção oposta*).

SCENA V

Aurelia e Helena

HEL. — Ah! ah! ah! viste que olhar deitou-me o barão?

AUR. (*distrahida*) — Não reparei. (*Approxima-se da praia*).

HEL. — Parecia querer devorar-me, o idiota. (*comsigo*) Estes homens são uns parvos... Mas que cara que fez o barão! ficou vermelho como um queijo londrino!... Que estás ahí a olhar? Enlevos de poeta, minha querida?

AUR. (*com enthusiasmo*) — Vem ver, que magnificencia! olha, que panorama!... E' a hora em que a natureza trescala do seio tepido um perfume celestial; a creação adormece no manto roxeado do crepusculo; a terra, o mar, o céu, tudo parece dizer n'um concerto mystico: — Deus!... Era á esta hora que minha mãe me ensinava a rezar... Oh! doces supplicas que o labio infantil pronuncia entre os affagos maternos e são o conforto dos annos amargurados!

HEL. — Deixa-te de cousas tristes, filha. Não te lastimes tanto; não vejo motivos. A fortuna procura-te; porque foges?

AUR. — De que fortuna fallas?... Que fortuna póde resgatar estas lagrimas que brotão do coração e molhão as saudades melancolicas do passado? Onde está essa fortuna? Nas noites de volupia, nos espasmos do gozo, no delirio das bacchanaes?... Quem sabe!... Para estas cicatrizes fundas, talvez o unico remedio é calcinar a alma na embriaguez do vicio; atordoar o espirito no alcool das orgias; morrer como a salamandra n'um fogo que carbonise o sentimento!... Talvez, tens razão... Se eu pudesse esquecer... esquecer?!... Esquecer, quando o amor é a sombra da alma, sombra medonha, fatidica, tremenda?! Esquecer, quando o amor é o carcere de uma existencia, que a fatalidade jungio eternamente?! Que martyrio, que martyrio, santo Deus!... Esquecer como, se esta razão não se perde, se esta alma não se pertence?!... Amar no emtanto o impossivel, correr atraz de um phantasma, de um astro fugitivo! E eu não enlouqueço!

HEL. — Dir-se-hia que amas mais Alberto do que teu proprio filho!

AUR. — Não sei...

HEL. — Que blasfemia!

AUR. — Blasfemia! Sabe Deus, se é blasfemia n'este peito que encerra a mais pura maternidade!... Sabe-o Deus, se é uma

blasfemia dizer ajoelhada á seus pés : — Senhor, este amor de mãe, ensinou-me o céu ; este amor de mulher senti na terra, onde disseste á creatura — ama ! (*Agarrando a mão de Helena n'uma agitação terrivel*) Poucos comprehendem este amor, poucos, Helena ! . . . Não ha espaço no coração para contel-o, não ha lingua-gem na terra para exprimil-o ! . . .

HEL. — Lá vem Jorge, é elle mesmo . . .

AUR. (*com desespero*) — Que gêlo !

HEL. — Pois casa-te, rapariga, tens a faca e o queijo na mão . . .

AUR. (*baixo*) — Seio de marmore ! (*Afasta-se*).

HEL. — Mas é um inglez *comme il faut*.

## SCENA VI

### As mesmas e Jorge

JORGE — O' feliz encontro ! Como está Sra. Aurelia ? . . . Helene, como passe ?

AUR. (*cumprimentando*) — Sr. Jorge.

HEL. — Sabe que o espectáculo ficou transferido ?

JORGE — Si ? Tante melhor, muito calor hoje. O' n'Inglaterra non faz tempo assim . . . clime muito saudavel ; non se póde supporta este calor, tres camizes por dia e ás vezes quatre. Clime de Bresil non está come de Inglaterra . . . O' gêle está melhor, muito melhor.

AUR. — Vamos, Helena . . . Temos ali um carro.

HEL. — Vamos . . . Não se demore ; quero ceiar no jardim. (*Marçal apparece na porta do restaurador*).

JORGE — Yes.

HEL. — Até já, Jorge.

JORGE — Até já, até já.

AUR. — Sr. Jorge.

JORGE — Sra. Aurelia . . . E' verdade, Helene . . . (*vão caminhando*).

MAR. (*sorpreso*) — Aurelia !! (*Procurando reconhecer*) Meu Deus, meu Deus ! (*O grupo vai desaparecendo da praça*) Sim, é ella, é ella, é a . . . (*Com explosão de alegria*) a minha filha ! (*Ouve-se o rodar de um carro*) Viva, viva ! . . . Minha filha, minha querida filha ! (*Sahe ás pressas*).

(*Ouve-se grande alarido no restaurador*).

SCENA VII

**Dr. Augusto e os marinheiros (que sabem do restaurador)**

AUG. (*ferido no peito*) — Ah! (*Contorcendo-se de dôres*) Que golpe, que agonia, meu Deus! (*Os marinheiros o amparam*).

1.º MAR. — Aqui está em que dá o jogo!

AUG. (*desfallecendo*) — Por misericórdia... chamem um medico, senão morro... Depressa, depressa... (*Convulcionando*) Ai!... que dôres, que supplicio!... (*expirando*) Perdão, perdão-me, Deus misericordioso!

SCENA VIII

**Os mesmos e Marçal**

(*Ouve-se ao longe as vozes de um realejo até descer o panno*).

MAR. (*attonito*) — O que é isto?! O que foi?!

1.º MAR. — E' um pobre moço...

MAR. (*reparando*) — Ah!... elle! (*Recua*) elle! (*contracto*) Oh! Providencia, Providencia!



# GEORGINA

(ROMANCE)

## VIII

### IMPRESSÕES

O sol quasi tocava o zenith.

Erão onze horas do dia.

Alguns momentos havia que o solar hospitaleiro de Magalhães recebera com effusão de contentamento a boa vinda dos viajantes do bote, que vimos deslizar na superficie placida da bahia.

A pequena sala de visitas apresentava um grupo de familia, entrançando no silencio do lar mimosas e perfumadas coroas, para depôr no gentil regaço da deusa da — amizade.

Felizes aquelles que, no meio d'esta athmosphera impregnada de scepticismo, que mata as mais nobres convieções, ainda possuem o augusto templo da familia para erguerem cultos á religião do amor.

Felizes elles, que encontrão céos de flores na cupula de chumbo d'este mundo egoista e oasis verdejantes onde outros apenas deparão desertos áridos, vasto plaino, ninho das calmarias e pouso das tempestades.

A ilha de Magalhães, no meio das aguas, longe do ruido da cidade, semelhava a Palmyra do deserto entre os immensos arcaes, recebendo a caravana sequiosa que aportára pedindo partilha nos suaves gozos, que profusamente fruião seus moradores.

Os viajantes da caravana, a minha leitora não ignora quem são.

Julio e Leoncio fazem parte d'esse grupo de familia merecedor da attenção do pincel de um Hogarth; a sala de visitas da encantadora habitação rescende de suaves effluvios, de castos perfumes exalados pelas delicadas flôres de suas nobres almas.

Perfumes d'alma purificados por espiritos leaes e ungidos d'essa força moral que sempre inspira o bem e o bello.

Talvez que o dia decorrido entre Magalhães e sua filha fosse para os dois jovens, um dos mais serenos e bellos em sua existencia: tal é a força da virtude e dos sentimentos nobres, que mesmo n'um ermo encontrão veneração e respeito.

E o dia voou com rapidez inesperada para os habitantes da ilha e seus hospedes.

Julio, ao partir, promettera voltar para fortificar com a convivencia o justo apreço que recebera, e do qual queria tornar-se merecedor com titulos mais valiosos do que aquelles nascidos de um primeiro encontro.

Relatar as multiplices impressões de Julio em seu passeio, é-nos difficil, tanto mais quando sua phisionomia não era d'essas que traduzem facilmente os segredos d'alma e os pensamentos intimos.

As frequentes visitas do moço á casa de Magalhães tornarão-n'ó familiar com todo o local. Julio conhecia perfeitamente todas as encruzilhadas e desvios, florestas e vargedos, banhados e lagoes que cobrião as terras de propriedade de Magalhães.

Tinha conseguido mais do que isso nos seus passeios campestres.

A convivencia tinha desterrado as exigencias cerimoniaes para o hospede, como a intimidade fizera brotar a franqueza familiar em favor do amigo, sempre recebido com manifesto jubilo.

No fim dos dois mezes assim decorridos Julio era para essa boa gente uma parte da familia.

E o moço fazia por merecer o bom conceito que a sympathia tinha inspirado a seus novos amigos. Seu genio jovial, suas maneiras agradaveis attrahião como a sercia, que fascina e prende com seus encantos. Parecia dedicar-se á um estudo especial para satisfazer os desejos das pessoas que o rodeiavão, por mais caprichosas que fossem.

No jogo do xadrez com Magalhães, no piano ao lado de Georgina, na caça dos inhambús e marrecas selvagens pelas matas e banhados em companhia de Leoncio, era Julio sempre o mesmo, affavel e attencioso.

Se em suas maneiras havia um manejo occulto encobrimdo

malevolos sentimentos aninhados no intimo de um coração corrupto, o mais experimentado phisionomista teria sido illudido por essa naturalidade artistica que Julio imprimia ao mais comesinho acto de sua vida.

Se em tudo isto Julio não passava de um tartuffo, o papel era tão bem interpretado, que o mais embusteiro jesuita seria incapaz de excedel-o no desempenho.

Só Leoncio, lá uma ou outra vez, tinha curvado a frente meditativa em longos scismares ante a opinião disparatada de Julio.

A conversação do bote, pela qual o moço reconhecera a supremacia do dinheiro sobre os mais sagrados sentimentos, algumas ideias e falsos raciocinios proferidos no ardor de discussões havidas entre os dois jovens, sobre objectos que sempre a mocidade discute com enthusiasmo, tinham por sua originalidade em diversas occasiões impressionado a Leoncio.

Suas aventuras amorosas, suas conquistas de Lovelace contadas em intimidade ao joven guarda-livros tinham espantado á este, pelo arrojado das concepções e temeridade da execução.

Algumas semanas antes, Julio, n'um de seus colloquios sobre o casamento dissera a seu companheiro :

— Para mim, Leoncio, a existencia sem a variedade é o tédio ; é mais do que isso, é a morte moral, doença terrivel que suicida a alma e não mata o corpo . . . O casamento é uma cadeia de soffrimentos que embota as mais legitimas aspirações da mocidade esmagando despoticamente uma natureza outr'ora livre, tornada escrava, que só pôde reaver sua antiga liberdade por um acaso da fortuna . . . a viuvez,

— Mas quando se ama, respondeu Leoncio, o casamento não é um Golgotha, nem a mulher uma cruz . . . O enlace de duas almas apaixonadas n'um só amplexo, é uma lei divina, porque é um mandamento de Deus . . .

— E's criança e inexperiente, tornou Julio ; o amor alimenta-se de illusões, e no fim de tres mezes de casado, todos os sonhos da phantasia de um pobre marido evaporão-se como a fumaça de um charuto, e a prosa invade o lar conjugal, onde o idealismo só imaginou poesia . . . e accresce ainda que o mesmo rosto da mulher que é nossa esposa, os mesmos carinhos repetidos a cada instante, os mesmos beijos de dia em dia perdendo a doçura d'aquelles recebidos nos tempos do noivado, tudo isto, confessa, Leoncio, é demaziado monotono e tedioso para symbolisar felicidade . . . Tudo faz-me crêr que o matrimonio não passa de um leito de Procusto, impondo uma vida aborrida, ao mesmo tempo que algema o sentimento mais elevado do homem — a liberdade.

— Mas a amizade para essa mulher, replicou Leoncio, fica o

existe sempre alimentada pela convivência, pelos filhos que formão a família e por esta que cria na soledade do lar immensos poemas distillando ineffaveis prazeres. . .

— Palavra de honra, meu caro, que não invejo a homem algum semelhantes prazeres.

— Porque !?

— Porque os filhos são um grande compromisso para com a sociedade, e a família um encargo de consciencia martyrisando-nos a todos os instantes.

— Pelo que te ouço, jamais te casarás !?

— Tem seus conformes ; primeiramente me dirás o que entendes por casamento ?

— O que entendo !? retrucou Leoncio estupefacto com esta pergunta.

— Sim . . .

— Entendo aquillo que a sociedade julga como tal.

— Para mim não passa de uma illegitima convenção social, a maioria das vezes filha da violencia. O que eu considero casamento não é aquelle que uma lei tyrannica impõe, mas sim aquelle que, filho da natureza, é legitimo porque é natural.

— E' um pessimo gracejo, interrompeu bruscamente Leoncio, querer divinizar aquillo que é infame á face dos homens e de Deus.

Julio sorriu-se e com todo desembaraço replicou :

— O que tu consideras criminoso em minhas palavras, não é mais do que um arroubo de tua imaginação de poeta . . . Se reflectires, estou bem certo que farás justiça ao meu modo de pensar.

— Cala-te, Julio, prefiro antes crer que pensas como um estouvado, do que acreditar que só possues os instinctos de uma fêra . . .

— Agradecido, meu caro, e ao mesmo tempo faço ponto final á discussão, diante dos brilhantes argumentos de tua energica dialectica.

E Julio concluiu suas ultimas palavras entre uma estrondosa gargalhada.

Leoncio fitou-o, mas não respondeu . . .

Após estas e outras conversações do mesmo genero, em que Julio primava em mostrar gasta a flôr de seus sentimentos juvenis, suas idéas extravagantes deixavão algumas vezes no animo de seu amigo impressões bem dolorosas.

Leoncio era uma d'essas almas puras, bem difficil de encontrar-se nos tempos de hoje.

A linguagem de Julio, suas opinões emittidas com caloroso

entusiasmo, fazião o nobre moço duvidar algumas vezes do character de um homem que apresentava tantas faces diversas.

— Se o que elle diz é a expressão de suas mais intimas convicções, pensava Leoncio comsigo, só vejo um corpo cheio de belleza e mocidade, com uma alma gélida, embotada para as mais nobres manifestações do coração humano. Talvez que em tudo isto só haja uma tola vaidade. . . Estudemol-o confiado na luz do futuro e esperemos. . .

## IX

### CONFIDENCIAS

Era Março . . .

O manto de roxas violetas do crepusculo vespertino cobria a cúpula celeste marchetada de cirios.

Era Ave Maria, hora de fundo recolhimento, recendente de melancolia e scismares, recordações e sonhos balbuciados a medo . . .

Quantos soluços não comprime o coração ao toque de Trindades e que de illusões não desfaz o véo merencorio do crepusculo?

Só Deus sabe quantas preces ergue a humanidade n'essa hora embalsamada de lyrismo e poesia, quantos arroubos e enlevos o sentimentalismo eleva nas azas da viração para depôr aos seus pés.

Só Deus o sabe, e do seio do infinito contempla esses mil poemas que desbrocha o toque d'Ave Maria . . .

A soidão que povoa a natureza, a brisa que murmura em segredo temendo despertar a criação adormecida, o ciciar da folhagem no arvoredo, o deslizar manso da catadupa na floresta, tudo emfim parece balbuciar — respeito e silencio.

E como o crente ajoelhado na vasta nave de um templo deserto sente-se pequeno e fraco em face da solidão que o cerca, o homem perante a magestade artistica dos paineis crepusculares reconhece a grandeza de um ente superior a si, e como o crente ajoelha-se constricto e ora repetindo com a natureza — respeito e silencio. . .

Respeito e silencio — murmura elle aureolado de fé, porque ha momentos na vida, em que o menos religioso, ora com funda crença sem que os labios pronunciem uma só palavra, prece bro-

tada no coração e ouvida pela alma no templo augusto da consciencia.

N'essa hora de melancolia, n'um dos bancos de pedra do patamar da escada da casa de Magalhães, um vulto sentado com a frente entre as mãos assistia os funeraes do dia que expirava.

Era Julio, cuja alma boiava n'um mar de scismas.

Essa natureza rebelde tambem cedia, diante das impressões de que estava impregnado o brilhante panorama da natureza.

Sentia alguma coisa de inexprimivel pela primeira vez em sua vida abalando sua energica organisação, pouco affeita á sensibilidade e que o tornava um atomo n'esse banco de pedra resguardado pela folhagem da latada de maracujás.

Esse homem altivo, mostrando-se sempre superior ás emoções mais santas que encontramos á cada passo em nossa existencia, tão embebido estava com seus pensamentos, que não dera fé da chegada de uma personagem que assomára na porta de comunicação entre a sala e o patamar, onde elle achava-se a sós com seus scismares.

Era um vulto de mulher envolto em brancas roupagens . . .

Adiantou-se para o banco de pedra e abafou um grito escapado pela inesperada presença do moço.

Julio, despertado de seu recolhimento, ergueu-se balbuciando com a voz abalada :

— Boa noite . . . minha senhora . . .

Já o crepusculo tinha fenecido á sombra da noite e milhares de brandões illuminavão o azul pavilhão celeste.

— Perdõe-me . . . respondeu uma voz tremula, com essa doçura que só a mulher sabe ter, perdõe-me . . . sou uma indiscreta involuntaria, julgava-o em companhia de Leoncio . . . eis porque imprevisamente vim constrangel-o. E ella fez menção de retirar-se.

— O que faz, minha senhora !? Quer partir? Ah! sou eu que devo-lhe pedir perdão porque minha presença não a deixa gozar a hora de devaneio, que veio aqui buscar : e, se ha n'este lugar alguém obrigado á retirar-se, esse alguém sou eu, a cortezia de cavalheiro assim o manda.

E o moço inclinou-se com toda a polidez ao proferir suas ultimas palavras.

— Por quem é, Sr. Julio, disse a moça detendo os passos do mancebo, a culpada sou eu unicamente.

— E eu . . . murmurou o moço, apertando levemente entre as suas, a mão divina que Georgina lhe estendera.

— Sejamos ambos, se existe n'isto um crime, prosequio a joven com meiguice após momentaneo silencio ; e como a culpabilidade torna por intuição natural os cúmplices de um mesmo

erro, alliados inseparaveis, sejamos nós tambem... Dividirei com o senhor a minha hora de devaneio e em retribuição me fará partilhar alguma parte de suas scismas por mim interrompidas. Aceita o alvitre?

O moço estremeceu, mas respondeu com voz firme :

-- Aceito.

Os dois jovens sentarão-se no banco de pedra.

— Primeiramente dir-me-ha com toda a sinceridade, continuou a bella protagonista d'esta scena, se sou demaziadamente curiosa em perguntar-lhe se soffre e porque deixou nossa companhia em troca de uma soidão que devia entristecel-o mais.

— Com effeito, minha senhora, respondeu Julio melancolicamente, seria uma falta indesculpavel a minha retirada, se eu deixasse de reconhecer que a presença de uma phisionomia triste, é imperdoavel no meio de uma sociedade alegre e festiva... Não querendo perturbar os doces gozos que a senhora fruia com sua familia, deixei-os, porque infelizmente não podia partilhar as manifestações expansivas de suas almas puras, embora eu as invejasse n'esse gozo impossivel de alcançal-o para mim...

— Foi demais delicado, esquecendo-se que tornava-se pouco generoso para com seus amigos.

— Como assim !?

— Porque soffre, e soffre callado?... Tem pezares, que occultanos, e como ainda não merecemos sua confiança, não quer desabafal-os comnosco?

— Se soubesse o que se passa em meu coração não me fallaria assim... Não sei dizer-lhe o que sinto, porque não sei explicar a mim mesmo o que tenho... Minha alma não é como a sua envolta em fina chlamyde, deixando entrever toda a pureza e belldade alimentadas por suas crenças de anjo; não, a minha não está como a sua tão cheia de serenidade... Quando a julgão socegada, eu a encontro a boiar n'um mar de escarceus, suffocada por uma calmaria asphixiadora; quando a vejo risonha e procuro sondar-lhe seus mysteriosos arcanos, encontro-a muda e silenciosa como o vacuo de um tumulo, triste e merencoria como um ermo de myrradas flores que jámais sentirão as petalas salpicadas pelas gotas do vivificante orvalho. Se no que lhe digo ha muita coisa que parece inacreditavel, não me julgue pelas apparencias; a fatalidade terá tornado-me inseparavel de um ceculeo de dôr, sem ter força jamais para desterrar de meus labios o verbo da verdade.

— Eu o creio, Sr. Julio e lastimo não poder associar-me a seus dolorosos pezares.

Muito agradecido, minha senhora... Ainda á pouco, quando, deixando-a, busquei este lugar em que estamos, ao varia-

do painel do crepusculo, vim pedir a sombra de uma esperança, que revivisse a fé extincta de minha alma, um leve beijo da viração para dar perfumes á flôr de minha mocidade embotada... Pedi tudo sem nada alcançar... A imagem de esperança que invocára, julguei vê-la fugindo de mim, ir esconder-se nas dobras do manto d'ouro do sol, que deitava-se no mausoléo do poente orlado de uma faixa de saudades roxas; a fé, vi esvaecer-se entre as brumas crepusculares, como pallido raio da lua a desmaiar entre nevoas... Quando abatido pelo desengano procurei minha mocidade como unico lenitivo para tantas decepções, vim achal-a n'este banco em que estou agora com a senhora, toda envolta no sudario do desalento, eis porque estou triste. Ha dois mezes eu cheio de orgulho apontava o caminho á — felicidade e hoje quando quero acompanhá-la, procuro-a em torno de mim e não a vejo. N'esse insano labor perdi a força de vontade de homem para ganhar em troca a timidez de criança... Que luta! prosequio o moço enquanto no labio pairava um sorriso sarcástico; que luta gloriosa para minha alma habituada aos triumphos!

— Meu Deus! é crível que soffra tanto!? murmurou a moça extactica.

— E' minha senhora e ainda á pouco em face de meus precedentes quiz reerguer do abatimento a altivez de meu amor proprio ferido. Appellei para o passado e perguntei á mim mesmo como uma natureza de aço como a minha podia fundir se ao raio de luz de um olhar de mulher?

Chegára a vez de Georgina estremecer ante a palavra arrebatada de Julio que abalára o espirito da joven; dir-se-hia timida sensitiva, tremula de medo ao sentir o espaço oscillar ás rajadas do aquilão.

— E' o que o Sr. soffre, disse a moça querendo occultar com a voz o arfar agitado dos seios, debaixo da fina cambráia, será um mal incuravel?

— Talvez... murmurou o moço com emoção...

— E esse talvez, não encerra uma esperança?

— Encerra uma esperança e um porvir pendente á flôr dos labios de um anjo...

— De um anjo!... e desanima? Não são os anjos espiritos puros e bondosos? Porque, pois, duvida da realização de seus anhelos!?

— E a senhora permite que eu faça experiencia d'essa bondade e pureza de que me falla?

— Não o comprehendo, Sr. Julio, respondeu a moça toda agitada, temendo comprehender seu interlocutor.

— E se os labios onde aninhão-se minhas esperanças e meu futuro fossem os seus, e o anjo de meus sonhos fosse a senhora, o que faria?



— O que faria? . . .

As faces de Georgina tingirão-se de pudor.

— Sim, se lhe dissesse que soffro, porque amo muito e que essa religião até hoje por mim ludibriada, vim crê-la junto da senhora que m'a inspirou e ensinou-me a respeitá-la . . . que o amor que sinto, bebi no seus labios, vazando a infinda pureza de uma alma angelica, encontrei-o em seu olhar de mulher, aurora luminosa espancando as trevas de meu coração descrente . . . Se lhe dissesse tudo isto, Georgina, concluiu o moço arquejante, cahindo de joelhos, diga-me, o que faria ?

— Ah ! não sei . . . respondeu toda confusa a joven.

— Porque no fôro intimo de seu coração condemna esse sentimento, que nunca devia ser confessado, não é assim ?

— Não . . . não avancei isto . . .

— E então? . . .

— Meu Deus . . . disse a moça occultando entre as mãosinhas de neve o rosto todo coberto de rubor.

— Prefiro um desengano já a uma incerteza futura ; falle-me . . .

— Quer saber? . . . escute-me . . .

— Falle, eu a ouço . . .

— O que faria? . . .

E a moça inclinando-se sobre Julio e fazendo um esforço extremo sobre si, continuou :

— Dir-lhe-hia que continue a dedicar-me os seus affectos . . .

Uma exclamação affluio ao labio de Julio, indefinivel expansão que a alma humana sente e a penna não traduz ; epopéas do coração ás vezes turgidas de lagrimas, outras repleta de sorrisos . . .

No palco onde estas scenas se passavão, a epopéa dos sorrisos abria suas paginas, emquanto a das lagrimas, folheava Leoncio, ludibriado pela sorte.

Leoncio, desventurado que devia ser o confidente inesperado de amores que fazião-o assistir ao esvaecer de suas mais risonhas esperanças e aos funeraes de suas primaveras em flôr . . .

— Oh ! o mundo é assim, disse elle consigo, fugindo da sala onde ouvira por acaso o que se passára, e cambaleando encostado á parede correu para seu quarto, onde devia esconder os golpes lancinantes do martyrio.

Leoncio arremessou-se ao leito repetindo entre soluços : Oh ! o mundo é assim.

Continúa.

## À SEVILHA

Meu anjo tutelar ! transporta-me à Sevilha,  
Lá n'essa plaga ardente, sob esse ardente sol,  
Onde o rosto andaluz se occulta na mantilha...  
Onde o amor lavra incendio nas veias do hespanhol...

Eu quero ali viver. Do peito a dor profunda  
Ali se desfará nas azas do prazer ;  
Ali o pranto ardente, que as palpebras m'inunda,  
Será celeste orvalho de um lindo alvorecer !

Eu quero ali sonhar, envolto nos perfumes  
Dos magicos jardins, em noites de luar...  
Sentindo o céu de anil a se adornar de flumes...  
Sentindo em meus cabellos a brisa perpassar...

Eu quero ali morrer em noite de descantes,  
Que os anjos d'esse Edem só sabem desferir...  
Morrer...ouvindo as notas das musicas brilhantes...  
Ao som d'esse azulado, fugaz Guadalquivir...

« Quem nunca vio Sevilha é bem de lamentar-se »  
Disse o bardo insular, cantor de Don Juan,  
O genio, que na Grecia ao céu sentio alar-se,  
Exhausto das fadigas de um malogrado afan...

Ao doce crepitar de alegres castanholas,  
Aos quebros divinaes de voz plena de amor,  
Ouvindo pelas « calles » festivas cantarolas  
Das lindas bailadeiras, que cantão a primor ;

Minh'alma extasiada se despirá do luto :  
No pó do esquecimento as vestes deixará ;  
E o rosto macilento de pranto nunca enxuto  
Em risos de alegria depressa se abrirá !

Meu anjo tutelar ! transporta-me à Sevilha  
Lá n'essa plaga ardente, sob esse ardente céu !  
Eu quero ver da Hespanha a mais formosa filha  
Passar ante meus olhos envolta no seu véo !

O' berço dos dois genios... Las Casas e Cervantes  
Que em toda essa peninsula te ostentas sem rival,  
Que és o grato enlevo dos sabios viajantes,  
Que mostras maravilhas na immensa cathedral !...

O' terra venturosa, que no teu seio abrigas  
As cinzas sacro-santas do illustre genovéz,  
Que audaz desprezador das tradições antigas,  
Ao sol de um novo mundo banhiou a bronzea tez!...

Torrão dos aureos pomos! das flaccidas donzellas  
De bastas, negras tranças e de « hechicero » olhar!  
A ti — estas estrophes! Se nada têm de bellas,  
E' que eu na lingua hispanica não posso m'expressar!

DAMASCENO VIEIRA.

Porto Alegre, 22 de Novembro de 1873.

---

## FLORES DO PAMPA

### INFANCIA E MORTE

Pallido e triste atravesssei a vida,  
Sempre orgulhoso, concentrado e só...  
E' que eu sentia que um fadario extranho  
Meus sonhos todos reduzia a pó.

CASTRO ALVES.

Cruel fatalidade! quando a vida  
Me estende os braços — ebria de alegria...  
Sintó vergar-me o peso d'agonia  
A sonhadora fronte de poeta!  
Oh! pallida mulher das sepulturas...  
Sombra da noite... imagem do terror!  
Bem vês que sou criança e sonhador...  
Desvia do meu peito a fatal setta!...

Tua negra mão de bronze, enregelada,  
Não queiras descansar na minha fronte!  
Oh! deixa-me fitar o horizonte...  
Scismar... cantar... gemer... sonhar amores!..  
Eu vejo a fronte — deslizar-se mansa...  
O céu — cheio de estrellas luminosas...  
No vergel — tantas flores odorosas...  
E... sinto-me morrer immerso em dôres!...

Não me deixes morrer, meu Deus! ...eu sinto  
Meu peito transbordando de paixão!...  
Não me deixes morrer!...— meu coração  
E' repleto de creanças no porvir!...  
— E eu sei que pouco mais posso viver!  
Sinto nas veias me gelar o sangue...  
E minha frente pallida e exangue  
Pende p'ra campa... p'ra não mais surgir!...

MUCIO TEIXEIRA.

Porto Alegre — 73.

---

### À MUCIO TEIXEIRA

Recitada pela menina Maria Izabel Caldre e Fiação no sarão litterario do « Parthenon »

Nascestes á sombra da floresta virgem,  
N'um céu de rosas, sob um'alva astrella,  
O teu futuro tem veredas aureas,  
Tem flores puras, cada qual mais bella.

Quando na lyra tu dedilhas cantos  
Tão prematuros, de infantil candura,  
Dizes aos nossos que admirados te olhão  
Quanto inspirada tens a alma pura.

Entre os teus lirios, perfumados, bellos,  
Um nos mostraste de eternal primor;  
Foi quando aos labios te surgiu o verbo,  
Enlevo santo de filial amor.

O meu abraço, communhão fraterna  
Entre a innocencia e teu precoce genio,  
Vein e recebe, em testemunho santo  
Do quanto vales no real proscenio.

DR. VALLE CALDRE E FIAO.

Porto Alegre, 22 de Novembro de 1873.

M A R I A .

Maria foi á cidade  
E lá de nós se esqueceu ;  
No meio d'aquelle mundo  
A outro amor se prendeu.  
Ai ! cruel, na freguezia  
Já Não ha mais alegria.

Agora já não se dança  
Nas noites longas do inverno,  
Nem mais se escuta á viola  
O seu canto meigo e terno  
Ai ! cruel, na freguezia  
Já não ha mais alegria.

E nos disse que bem cedo  
Aos seus pagos voltaria ;  
Mas nem uma carta escreve  
A quem por si se agonia,  
Ai ! cruel, na freguezia  
Já não ha mais alegria.

Ninguem mais a vê na missa,  
A menina feiteira,  
Bella e pura como os anjos,  
Avesinha bandoleira.  
Ai ! cruel, na freguezia  
Já não ha mais alegria.

Pelo outomno bateu a zas,  
E o inverno já se pas sou ;  
E' agora a primavera  
E ella ainda não voltou.  
Ai ! cruel, na freguezia  
Já não ha mais alegria

Voltão as flôres do campo,  
E as flôres do arvoredado ;  
Só ella ainda não veio  
Promettendo voltar cedo ! . . .  
Ai ! cruel, na freguezia  
Já não ha mais alegria.

Quando o sol vai alto, ouvimos  
Da cigarra a cantilena ;  
Que saudade que sentimos,  
Coimo cresce nossa pena !  
Ai ! cruel, na freguezia  
Já não ha mais alegria.

Os « farroupilhas » voltarão  
Com suas pennas de brazas ;  
Só ella para estes pagos  
Não vda, não bate as azas.  
Ai ! cruel, na freguezia

ACHYLLES PORTO ALEGRE.

14 de Novembro de 1873.

## CHRONICA

Deixamos de dar a biographia do illustre general rio-grandense João Manoel Menna Barreto, porque não nos foi possível obter os dados sobre sua vida; no entanto preencheremos logo que nos for possível esta lacuna tão sensível. Na falta da biographia, offerecemos aos assignantes da *Revista* o retrato do distincto guerreiro e patriota, que legou á patria um renome e é uma de suas mais brilhantes glorias militares. O homem ferido no campo de batalha morreu; mas a patria recolhendo as cinzas do benemerito cidadão na urna preciosa dos martyres, vela silenciosa a lapide de João Manoel.

— Este mez tem sido fertil de acontecimentos notaveis para o *Parthenon Litterario* e para o desenvolvimento das lettras em geral.

O dia 9 de Novembro foi uma data escripta nos annaes da cidade pela associação *Parthenon*, que jamais se apagará.

O *Parthenon* lançou o seu marco na estrada brilhante que vai seguindo, de uma maneira assombrosa, deslumbradora para os espiritos anhelantes de futuro, conseguindo lançar a pedrã do primeiro edificio litterario do Brazil, devido á iniciativa de uma associação exclusivamente dada ao estudo das lettras.

Erão cinco horas da tarde quando sobre o cume da mont anha, illuminada pelos raios esplendidos de um dia brilhante, se via uma multidão numerosa do que havia de mais grado na cidade, tendo á testa toda a corporação do *Parthenon* e as primeiras autoridades da provincia, e ali se lançava solemnemente a pedrã fundamental do edificio. Foi n'esta occasião que se fizerão ouvir em brilhantes discursos os Srs. Bernardino dos Santos, Damas, ce no Vieira, Lavre Pinto, Ulisses Cabral, Appollinario Porto Alegre e Achylles Porto Alegre. E' escusado dizer que o copo d'a-

gua foi delicadamente servido aos Exms. Srs. presidente da provincia e bispo diocesano pelo prestimoso presidente da associação o Sr. Firmiano de Araujo.

— O quinto sarão litterario esteve esplendido. O *Parthenon* tem mostrado que soube comprehender o pensamento dos que propuzerão os sarãos.

Fez a prelecção o Sr. José Bernardino dos Santos que mostrou erudicção e conhecimentos da litteratura patria. Sua palavra vibrante, seu tom dogmatico, as convicções profundas que parecião agital-o emquanto fallava prenderão a attenção do auditorio por mais de uma hora, arrancando mais de uma vez applausos entusiasticos.

O que se seguiu não foi somenos; todos os que concorrerão para a festa souberão comprehender o que ha de solemne e de instructivo para a mocidade e para as familias n'estas reuniões tão desejadas,

Distinguiremos com prazer os nomes das Exmas. Sras. DD. Celeste de Castro, Emilia Totta, Lydia d'Aguiar, Dulce Teixeira, Maria Izabel Caldre e Fião, e dos socios Pedro Vianna, Mucio Teixeira, José de Sá Brito, Augusto Totta, Vasco Bandeira e Damasceno Vieira, que abrilhantarão a festa com os seus talentos e habilitações.

— Um dos associados ao *Parthenon*, o joven Joaquim Alves Torres apresentou sobre o scenario uma producção sua que tem chamado sobre si os applausos das pessoas entendidas da cidade. E' mais um dramaturgo que vem juntar-se á pleiade brilhante dos moços que fazem suas tentativas no ainda não roçado terreno da litteratura patria.

A critica benfica já passou o seu olhar comedido sobre o novo drama, intitulado: *O sexto peccado mortal*; o que é preciso porém notar-se, é que os papeis forão bem desempenhados por alguns moços que mostrão aptidões para o palco. Não basta termos dramaturgos, é preciso que tenhamos aptidões para traduzil-os no theatro e uma companhia de amadores, mas de amadores profissionacs é necessario que exista.

Com a effusão do mais puro prazer apertamos sobre o nosso coração o inspirado joven Torres.

— D'esta vez ainda confirmou-se a lei que prescreve a mistura dos bens e dos males. Entre o prazer que nos troucerão os acontecimentos que acabamos de descrever veio uma triste noticia enlutar os nossos corações.

Já não existe Antonio Ferreira Neves, o inspirado poeta, o bem querido companheiro que partilhava das nossas glorias! O coração dorido de sua irmã onde brotára a doce esperanza de um porvir mais calmo e seguro em companhia d'aquelles por cujo fu-

turo dava o seu suor e as suas fadigas, desfaz-se hoje em lagrimas e punge-se pela aguda setta da saudade ou desesperança e de um amor perdido!

Aos pés da cruz que assignala o seu ultimo jazigo n'esta terra de proscricção vamos nós seus companheiros de fadigas semear os goivos, as perpetuas e as saudades, para banhal-as sempre com as nossas lagrimas ardentes.

Em testemunho do quanto admiramos as suas virtudes e uma alma inspirada pelo anjo candido e luminoso da poesia.

ACHYLLES PORTO ALEGRE.

Novembro — 1873.

---

## ERRATA

A' pagina 492, no final da scena VII, foi omittido o seguinte:  
UMA VOZ (*no restaurador*) — Roubou-me, é um ladrão!...  
Prendão-me, que não fujo...